

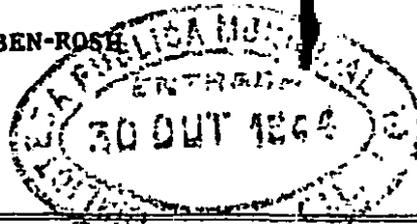
*Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.*

*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

BEN-ROSH



(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — ANTONIO DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

TWO NOBLE JEWS

SIR ELLY KADOORIE and DR. ALFRED KLEE

by Paul Goodman

The people of Israel has suffered the loss of two great figures, Sir Elly Kadoorie and Dr. Alfred Klee, whose names are honoured among the Jews of Portugal and who have contributed to the revival of Judaism among the Marranos in that country.

Sir Elly Kadoorie died on the 8th February 1944 at Shanghai, which is now under Japanese occupation, and it is a comfort to know through the Red Cross that his sons, Lawrence and Horace Kadoorie, were then at his bedside in the case of Dr. Alfred Klee, whose genial personality will be gratefully recalled in Oporto, he died at a German concentration camp in Holland, in which country he had been living for some time past. He was offered many favourable opportunities to leave the Continent for England, but he preferred to remain in danger with his people to the last.

These were two noble Jews, whose lives were dedicated to the advancement of the religious, cultural and philanthropic interests of their people.

The fate that has overtaken Sir Elly

Kadoorie and Dr. Alfred Klee is a very sad indication of the overwhelming Jewish tragedy of these days. For the princely Kadoorie family, in Shanghai, under the Japanese, and the death of Dr. Klee in a German concentration camp in Holland, have suffered in the unparalleled upheaval of the present world-conflict. But it also betokens the universality of Judaism, world-wide in its sympathies as well as well as in its sorrows. For Sir Elly Kadoorie, illustrious Sephardi philanthropist, in the East, with his sons, and Dr. Klee, a great leader of the Jews in Germany, have been devoted and generous friends of the Marranos in Portugal. The Kadoorie Synagogue in Oporto stands as a monument of the Faith of Israel: the Kadoorie family was deeply interested in its welfare and progress, and the presence of Dr. Alfred Klee (together with his son, Dr. Hans Klee, now in Switzerland) at its solemn Consecration in January 1938, will remain part of the historic revival of their co-religionists in Northern Portugal.

A NEOMÉNIA (Lua Nova) DE NISSAN

«Este mês será para vós o primeiro dos meses»
(Exôdo, XII, 2).

Assim começa o capítulo especial que a Sinagoga prescreve para ler depois da secção do dia, no sábado que precede o primeiro de Nissan. A instrução dada por Moisés aos hebreus em vista à primeira Páscoa, Pesah Miçraïm, serve, cada ano de introdução a este mês privilegiado entre todos que nos trazem os eflúvios bemvindos da primavera.

Desde muito tempo a religião de Israel solenizou os começos de mês. Era festa para os nossos antepassados quando, os olhos levantados para as extensões celestes, êles enxergavam, no momento esperado, a claridade nascente do primeiro crescente de lua brilhante de novo no firmamento. Êste indício de ordem e de harmonia, êste sinal aparecendo periòdicamente entre o exército das constelações, espectáculo que comove sempre a sensibilidade dos seres inclinados à contemplação, guiavam as almas para o respeito da Onnipotência criadora, à piedade e à humildade: «Quando eu contemplo os céus, obra da tua mão, a lua e as estrêlas, que tu formaste... que é pois o homem, que tu pensas nêle, o filho de Adão, que tu proteges?» (Psalmo VIII).

Mas um sentimento de gratidão predominava, pela convicção de que o facho nocturno, cujo clarão fiel não se extingue senão para se reacender, desempenha o seu papel regulador e benéfico na vida religiosa.

E é porque nós vemos mencionada na Escritura, ao lado do sábado e das festas, os regosijos da Neoménia, e é porque o profeta anuncia, numa visão de alegria, a época em que, de Neoménia em Neoménia, de sábado em sábado, tôda a criatura virá prostrar-se perante o Senhor.

Nos nossos dias ainda, fiéis a uma tradição constante, nós saudamos a aproximação do mês que vai nascer, com palavras de bom agoiro, onde se exprimem a despeito de experiências muitas vezes dolorosas, de provas ou de decepções, os nossos votos e as nossas esperanças sempre renascidas, e no dia da Neoménia os hinos sinagogais dando graças a Aquêle que faz reinar a ordem e a beleza nos espaços siderais.

Mas de tôdas as neoméncias, a mais alegremente acolhida, é a de Nissan, o mês em que os raios mais ardentes do sol vêm reanimar a natureza entorpecida, atestar a vitalidade triunfante da criação, a regularidade do seu curso, a permanência das suas leis. É neste mês que se deixa melhor aperceber o hino de gratidão que entoia o psalmista, intérprete não só do seu povo, mas de todo o género humano e de tôda a criação.

Nesta estação de desenvolvimento rápido, de eclosão irresistível, uma espécie de exaltação universal parece espalhar-se em todos os seres, e vêm tornar leve o próprio fardo daqueles que o sofrimento oprime, sugere mais confiança na vida e naquele que dispõe soberanamente, em regra, e detém o seu curso segundo um plano que fica para nós misterioso.

Mas cada mês, cada étape mais para o fim designado a cada um, pode para almas sérias e para as consciências desejosas de progresso, tornar-se uma ocasião de renascimento e de aperfeiçoamento. As fórmulas litúrgicas da bênção do mês no officio de sábado que precede Rosh H'odesh (cabeço do mês) pede que os dias próximos sejam sòmente favorecidos do benefício duma existência pacífica e próspera, isenta de humilhação, plena de fôrça e dignidade, mas marcada também por um avanço no caminho do respeito pela Lei e pelo temor de Deus.

Nissan é particularmente apto a sugerir tais sentimentos. Mês da germinação das espigas nutritivas da floração nova sôbre o solo reverdejante, convida a tornar os lugares limpos não só na consciência como na morada, para um esforço corajoso das fôrças e da faculdade da alma, para uma nova fase de actividade, produtora de bem-estar e salutar para as outras como para si próprio, se a Lei é obedecida, a disciplina salvaguardada, se os olhares ficam valentemente voltados para os cumes da vida espiritual e moral.

J. WEIL.

(de l'Univers Israelite).

A ignorância é um pecado em Israel

Israel viveu sempre, dominado pela preocupação da instrução religiosa: êle põe todo o orgulho, tôda a sua honra, no estudo da Lei e é nisso que reside o segrêdo da sua vitalidade.

Na origem e até à destruição do primeiro Templo, o ensino fica puramente doméstico. São os pais que têm o encargo de instruir os seus filhos, de os iniciar na observância das prescrições morais e religiosas. Escolas pròpriamente ditas não existiam; mas já sob Samuel, tinha-se fundado associações de profetas, onde, sob a direcção dum mestre, os jovens iniciam-se na Lei, na música, na poesia, na história nacional, que possuímos da época.

Os *provérbios* de Salamão, que pelas suas concisões, os seus bons sentidos, as suas linguagens claras e simples, não faltam de produzir sôbre a criança uma salutar influência.

Centros de instrução começaram então a formar-se e o Talmud afirma que no reinado de Ezéquias não havia um único iletrado em todo o reino de Judá.

Mas é sòmente no regresso do cativo de Babilónia e sobretudo no período talmúdico que a instrução primária se espalhou com uma organização e métodos que merecem ainda hoje a atenção do mundo escolar.

Foi Esrah que, durante o cativo, fêz grandes esforços para manter entre os imigrados a prática da língua hebraica: êle enviou soferim em diversos centros para ensinar a Thorah. O ensino doméstico tinha, então, desaparecido, porque a maior parte dos judeus não sabiam sequer ler nem escrever e, desde o regresso de Babilónia, Esrah instituiu leituras públicas das principais passagens dos livros de Moisés. Estas leituras eram feitas na segunda-feira, na quinta, dias de mercado onde a gente do campo vinha a Jerusalém e êste uso se manteve até aos nossos dias.

Os sucessores de Esrah criaram nos centros importantes escolas onde os mestres rivalizaram em zêlo para atrair o maior número de alunos possível e uma obra pedagógica da época, *Ben-Sirah*, contém interessantes máximas sôbre a educação.

Sentindo que a fôrça duma nação repousa sôbre a educação popular, Simas Ben-Shetah, tornou o ensino religioso obrigatório. Uma lei ordenou a criação de escolas primárias em cada distrito e, como a ameaça romana tornava-se mais opressora, os judeus tentaram salvar o que havia de mais precioso confiando a Lei sagrada na memória de seus filhos.

Josué Ben-Gamlah tornou obrigatória a fundação de escolas para as crianças de cinco anos de idade, e, apesar de tôdas as desgraças políticas que se abateram sôbre os judeus, o ensino desenvolveu-se rapidamente.

O ensino dava-se primeiramente num campo a céu aberto; encerram em seguida as crianças em recintos fechados, por vezes mesmo na Sinagoga, uso que se mantém em nossos dias em certas comunidades pobres.

A escolha de mestres tinha uma grande importância, era preciso homens integrados sob todos os pontos de vista, de certa idade, nem irascíveis, nem orgulhosos, sóbrios e desinteressados.

"E' em modestos vasos de madeira e de barro, diz o Talmud, que o vinho, o leite e a água melhor se conservam". O mestre devia ser também paciente, doce, afável, capaz de expor com um modo claro tôdas as partes do seu ensinamento e, se a remuneração material não correspondia a tôdas as exigências, o mestre gozava pelo menos da estima pública e da veneração dos seus alunos. A instrução religiosa era gratuita, não só para os pobres como para os ricos: era a comunidade que suportava as suas despesas, tirando isso das taxas impostas a tôda a população judaica.

Os alunos eram divididos em várias classes segundo a sua idade e o grau da sua instrução. Nas classes infantis (alunos de 6 a 10 anos) ensinam-se a leitura e a escrita do hebreu e do aramaico. Os alunos mais adiantados copiavam sôbre rolos de pergaminho as passagens mais importantes do Pentateuco. Nas classes médias (alunos de 10 a 15 anos) ensinava-se a Lei oral; finalmente nas classes superiores (alunos de 15 a 18 anos) esta Lei oral era submetida à

Os quatro filhos de Hagadah e o profeta Elias

A haftarah do sábado que precede a Páscoa — o grande sábado — mostra perante nós a figura do profeta Elias, que no fim dos tempos o Senhor enviará para reconduzir o coração dos pais para os seus filhos e o coração dos filhos para os seus pais. Porque o Vidente Tisbita é o precursor do grande Dia? Porque é êle reservado para reconciliar os pais e os filhos? Porque esta profecia preludia a Páscoa?

A tradição atribui a Elias o dom de resolver um dia tôdas as dificuldades. Nos permite êle responder a estas perguntas?

Na noite de Páscoa, cada israelita tem de beber quatro copos de vinho. E um quinto é reservado ao profeta Elias. Ao lado dos quatro copos do Seder, há quatro filhos da Hagadah. Qual dêstes filhos compreende o papel de Elias?

Cada época tem os seus filhos, com as suas mentalidades. Não reconheceis hoje os quatro filhos da Hagadah?

Em que pensa a juventude dos nossos dias? Jovens, onde ides?

Eis o *sábio*, — êle existe apesar de tudo.

Êle reencontrou a fé dos antepassados e êle quer imitar a piedade, praticar a religião antiga. Êle interroga os seus pais, — que muitas vezes já o não compreendem.

Eis o *mau* — não digamos demasiado mal dêle. Êle foi desmamado de tôda a educação religiosa. Êle só vê os maus exemplos dos seus mais idosos; êle quer também viver e gozar, seguir o seu caminho, afastando dêle os outros. Êle pergunta a seus pais, — que estão inquietos pela sua obra.

discussão. As classes não deviam conter mais de 25 alunos. Sôbre-êste ponto nós estamos em regressão, porque em certas escolas há hoje classes de 50 e até de 60 alunos.

Como sanção os rabinos admitiam as punições corporais, sob a condição de usar delas com moderação. Uma recomendação essencial do Talmud é o ensino dum mister manual a tôdas as crianças. Os mais ilustres doutores davam o exemplo pelo exercício duma profissão manual.

Fis o *simples*, — não tão simplório. Êle é bom, sensível, mas êle não foi iniciado no que faz a beleza e a bondade da vida israelita.

Êle não pede mais do que vibrar, mas êle não sabe a que ideal votar a sua consciência mal esclarecida. Ao Sionismo? «No ano que vem em Jerusalém?» Ao socialismo? «A Páscoa da Humanidade?» Na sua candura êle se volta para os seus pais, mas para êles também não, êles não sabem.

Finalmente, «eis aquêle que não sabe perguntar», — é uma legião êste.

Tendo sempre ignorado tudo o que é o judaísmo, não tendo nada visto, nem ouvido disso, êle é indiferente e passivo, êle nem sequer sabe perguntar; os seus pais não saberão prevenir as suas perguntas; saberiam sômente responder a isso?

A todos êstes filhos, Elias, vem dizer: — «Voltai filhos transviados...» Voltai à tradição e à história. Voltai ao tempo de outrora, aos anos de antanho. Ao Egipto onde os nossos pais conheceram Deus, ao Mar Vermelho onde proclamaram a sua realeza, ao Sinai onde êles receberam a sua Lei, ao Camel onde êles confessaram a sua Fé.

Voltai para vossos pais e êles voltarão para vós. Elias reconduzirá o coração dos pais para os seus filhos e o coração dos filhos para os seus pais. Pela união dos pais e dos filhos na fé, êle preparará a era messiânica, a Páscoa do futuro. Porque o espírito de Elias vive sempre. Elias é a fé ardente e triunfante. É Pinhas ressuscitado, é Macabeu revivendo. Como êle reconduziu para a vida a criança inanimada, como êle reconstituiu com doze pedras o altar de Israel, êle reconciliará as gerações na profissão da fé ancestral e refará a unidade de Israel pela renascença da religião, que é a sua alma.

«E então vós oferecereis uma oferenda nova ao Senhor...» «E ela será agradável ao Senhor, a oferenda de Judah e de Jerusalém, como no tempo de outrora, como nos anos de antanho».

M. LIBER.

A saída do Egipto

1—O anho pascal — E Deus disse ainda a Moisés e a Aron: «Falai a tôda a assembléia dos filhos de Israel e dizei-lhes: «Este mês (o mês de Nusan) será para vós de hoje em diante o primeiro mês do ano». Dizei a tôda a comunidade de Israel: «Que cada um de Vós arranje um anho para a sua família, imole-o para a noite do 14 dia dêste mês, e borrifa-o com o seu sangue as duas vigas e padieira da porta da sua casa. Comereis, esta mesma noite a carne assada no fogo, com pão sem levedar e com ervas amargas. E eis como vós o comereis: o cinto nos dorsos, as sandálias nos pés, o bordão na mão; e vós o comereis à pressa, porque é a Páscoa, isto é à passagem do Senhor no país do Egipto.

E nesta noite eu ferirei todos os primogénitos dos egípcios: mas logo que eu verei o sangue que vocês tingiram as vossas portas, eu passarei poupando-vos». Os israelitas fizeram o que Deus lhes havia ordenado.

2—Os recém-nascidos dos egípcios morrem—Pêla meia noite o Senhor feriu todos os primogénitos, desde o primogénito do Faraó até ao primogénito do cativo no seu cárcere. E um grito espantoso elevou-se em todo Egipto, porque não havia casa onde não houvesse um morto. E o Faraó chamou Moisés e Aron durante a noite e lhe disse: «Parte com todo o povo e sacrificaí ao vosso Deus. Levai convosco as vossas ovelhas e os vossos rebanhos; mas antes de partir, abençoai-me». E os egípcios insistiam ainda mais com o povo para que saíssem urgentemente do seu país, dizendo: «Nós morremos todos!»

3—Os israelitas saiem do Egipto.— Os filhos de Israel então saíram do Egipto depois de terem morado 430 anos. Abandonaram o Egipto o número cêrca de 600.000 homens não contando as mulheres e as crianças. Fiéis à sua promessa êles levaram consigo as ossadas de José. Êles levaram também prata e ouro, vestimentas fornecidas pelos habitantes e uma quantidade considerável de gado; mas na precipitação da partida êles não puderam cozer o seu pão e

De Portugal para a Palestina

Em Janeiro dêste ano foi organizada uma leva de emigrantes judeus para a Palestina (Terra de Israel).

Várias famílias viviam em Portugal, havia já alguns anos, mas preferiram ir terminar os seus dias e procurar nova existência na terra sagrada de seus antepassados. Entre estas famílias foi a do Sr. Menasseh Bendob, um dos fundadores da Comunidade do Pôrto, e seu 1.º secretário.

A Associação da Juventude Israelita Hehaber, com sede na Avenida Elias Garcia, n.º 110, Lisboa, organizou festas comemorativas da partida de Portugal dêste 1.º grupo de israelitas para a Palestina.

Estas festas constaram do seguinte:

No dia 20 de Janeiro, à noite, festa na sede do Hehaber;

Noite Palestinense, festa de confraternização com o grupo que parte para Eretz Israel, constando de palavras de saúde, canções hebraicas, Askarah Mishberah, entrega duma mensagem em pergaminho, entrega duma bandeira pelo grupo Jovens do Hehaber Makabi Asair; findando esta noite com um baile;

No sábado, 22 de Janeiro, na Sinagoga, Shaaré Tikvah (Portas da Esperança) à rua Alexandre Herculano, Lisboa, realizaram-se orações especiais no officio matinal;

No domingo, 23 de Janeiro, no Cais da Fundição, realizou-se o embarque do grupo emigrante no vapor português *Niassa*, que teve numerosa assistência a desejar-lhe boa viagem e boa sorte. Mazal Tob—Bé siman Tob.

O vapor *Niassa* tocou em Cadiz onde recebeu outros emigrantes e seguiu depois directamente para Haifa (Palestina) onde desembarcaram os que demandavam a Terra de Israel.

levaram a massa antes de estar fermentada. Por falta de outras provisões, êles em breve foram obrigados a comê-la cozida ao sol. É em memória desta saída milagrosa do Egipto que os israelitas celebram a festa da Páscoa, a quinze do mês de Nissan, e comem os pães ázimos ou matsah.

OS CABALISTAS

CONTO JUDAICO

POR I. L. PERETZ

Quando os tempos são duros, tudo vai mal, mesmo a Thorah, que é a melhor Séhorah. (Provérbio judeu: A ciência dos livros sagrados, que é a melhor mercadoria). De todo o seminário judeu de Lashtchive não restava mais que o Reitor, Rabi Yekel, com um só e único discípulo.

O Reitor era um velho judeu, magro com uma longa barba inculta, de olhos fatigados e apagados. Lémekh, seu discípulo amado, era um jovem, magro também, alto, pálido, com guedelhas negras encarcadas nas suas fontes, olhos negros, ardentes, com olheiras azuladas, lábios ardentes, um pescoço descarnado; os dois homens, não tendo camisa, iam com o peito à mostra; ambos estavam esfarrapados.

O Reitor arrastava ainda, com grande custo, velhas botas de camponês; o discípulo tinha os pés descalços em tamancos, que perdia constantemente.

E era tudo o que restava do famoso seminário judeu!

A pequena cidade, empobrecia-se, enviava cada vez menos gêneros alimentícios, ela tinha oferecido aos estudantes eclesiásticos alguns dias de hospitalidade cada vez mais raras; (os fiéis combinavam entre si para que cada Talmid (estudante) fôsse convidado cada dia numa casa judaica) então os pobres Talmidim se tinham dispersado. Mas Rabi Yekel queria ser enterrado em Lashtchive e o voto mais querido do discípulo era de fechar os olhos do seu mestre.

A êles também, chegou-lhes agora o conhecer os sofrimentos da fome. Uma alimentação insuficiente dá um sono insuficiente, e a vigília que se prolonga durante noites inteiras, e a falta de alimento, dando o desejo de praticar a Cabalah. E de facto, se é preciso velar durante noites, ficar de estômago vazio durante dias, é bem pelo menos tirar proveito disso. Transformemos as nossas misérias em jejuns e mortificações, e quando em troca se abrem de par em par as portas dêste mundo que contém os mistérios, os espíritos e os anjos!

Também há muito tempo já que o Rabi e seu discípulo estudam a Cabalah.

Hoje êles estão assentados, sòzinhos, diante duma grande mesa. Se para cada um é o depois de jantar, para êles é o *antes do pequeno almoço*. De resto já estão habituados a isso.

O Reitor abre desmedidamente os seus olhos brancos de êxtase e fala. E o discípulo escuta com a cabeça entre as mãos.

— Há, diz o Reitor, vários graus: um conhece uma parte, um outro uma metade, outro ainda uma melodia. O nosso falecido Rabi conhecia uma melodia completa, e mesmo com acompanhamento. Mas eu, acrescentou êle com tristeza, mas eu mereço apenas a graça dum pequenino trecho, não maior que isto...

Êle mostrou a extremidade dum dos seus dedos descarnados, e continuou:

— Há melodias que exigem palavras... É um grau bastante baixo... Existe um grau superior: Uma melodia que canta sòzinha, sem palavras, uma melodia pura! Mas a melodia pede ainda uma voz... e lábios, através dos quais passe a voz. E os lábios, compreendem tudo, é matéria! E a própria voz, bem que matéria muito delicada, é ainda matéria!

Finalmente concordemos que a voz se encontra sôbre o limite entre o material e o espiritual!

« Pois, seja como fôr, a melodia que, se faz ouvir por intermédio da voz, que por sua vez depende dos lábios, não é ainda pura, ainda não completamente pura..., ainda não alguma coisa de verdadeiramente espiritual.

« Mas a verdadeira melodia se canta sem voz alguma... ela canta interiormente no coração, no fundo das entranhas!

« Eis o sentido destas palavras do rei David: — Todos os meus ossos o testemunharão. » É na medula dos ossos que isso deve cantar; é ali que deve estar a melodia, o supremo louvor ao Senhor. Não é já a canção dum ser frágil, a música imaginada por um cérebro humano: é uma parte do canto pelo qual Deus criou o mundo, uma parte da alma que êle lançou neste mundo.

« Assim cantam os anjos do céu! E era

assim que cantava o nosso mestre, de bem-aventurada memória.”

A lição foi interrompida pela chegada dum rapazola alto de cabelo esguedelhado e que tinha por cinto uma corda: um moço de recados. Êle entrou na sala do seminário, pousou na mesa ao lado do Reitor um prato de sopa e um bocado de pão, dizendo com voz grossa:

— “O Sr. Tevil manda de comer para o Reitor.” Depois voltou-se, acrescentando já à porta: — “Depois voltarei buscar o prato.”

Pôsto bem longe da harmonia divina pela voz grossa do homem, o Reitor levantou-se lentamente e arrastando as suas grandes botas, foi lavar as mãos à fonte.

Contudo êle continuava a falar mas com menos entusiasmo. Do seu lugar o discípulo o seguia, de ouvido atento, os olhos ardentes e mergulhados no sonho.

— Infelizmente, diz ainda Rabi Yekel com uma voz triste, ainda não me foi concedido conceber a que grau isto pertence, nem a que portas celestes isso conduz. Vês tu, acrescentou êle com um sorriso, as macerações e as mortificações necessárias para chegar a isso, eu as conheço. E eu tas revelarei talvez também hoje mesmo.

Os olhos do discípulo quasi que saem das órbitas; a sua bôca grande aberta, espera as menores palavras do Mestre. Mas o Reitor cala-se: êle lava as mãos, enxuga-as, diz a sua pequena oração, e voltando à mesa, recita com os seus lábios trémulos a benção do pão. As suas mãos magras levantam o prato. O vapor envolve num sôpro tépido o seu rosto descaído; pousa de novo o prato. Pega na colher com a mão direita e aquece a sua mão esquerda na beira do prato enquanto acabava um primeiro bocado de pão.

Tendo assim aquecido o rosto e as mãos, êle esfrega fortemente a fronte, estende os lábios delgados e azulados e se põe a soprar.

Durante todo êste tempo o discípulo não o perdeu de vista. E enquanto que os lábios trémulos do Mestre iam adiante da primeira colherada êle sentiu apertar-se-lhe o coração. Escondeu a cara entre as mãos, e todo o seu corpo se encarquilhou.

Alguns minutos depois, entrou um outro homem com um outro prato e pão:

— Rabi Yosef manda o jantar do meio-dia para o discípulo.

Mas o discípulo não tirou o seu rosto das suas mãos.

O Reitor pousou a sua colher e aproximou-se do discípulo. Considerou-o um momento com orgulho cheio de amor, depois, envolveu a mão no pano da sua batina, e tocou-lhe no ombro.

— Trouxeram-te de comer, disse êle despertando-o com voz afectuosa.

Então o discípulo afasta lenta e tristemente as mãos. O seu rosto é agora mais pálido ainda, os seus olhos brilham ainda mais ardentemente.

— Eu sei, Mestre, responde êle, mas não quero comer hoje.

— O quarto jejum? pergunta o Reitor espantado; e acrescenta num tom de censura: Sem mim?

Ê um outro jejum, responde o discípulo; é um jejum de penitência.

— Que dizes? Tu um jejum de penitência?

— Sim, Mestre!... um jejum de penitência... Há pouco, enquanto vós vos punhas à mesa, eu pequei contra o mandamento “Não cubiçarás”.

*

* * *

Nessa noite, muito tarde, o discípulo despertou o Reitor.

Êles dormiam ambos sôbre bancos do seminário, um defronte do outro.

— Mestre, Mestre! chamava êle com uma voz fraca.

— Que há? perguntou o Reitor com um sobressalto de mêdo.

— Eu acabo de passar no *grau superior*.

— Que dizes tu? perguntou o Reitor ainda cheio de sono.

— Havia um canto em mim! O Reitor ergueu-se do banco.

— Como foi isso? Como?

— Mestre, nem mesmo eu o sei, respondeu o discípulo com uma voz ainda mais fraca. Eu não podia dormir. Então eu puz-me a aprofundar a vossa explicação... Eu queria a todo o preço conhecer a melodia. Eu tenho um desgosto imenso de não poder conhecê-la. Eu comecei a chorar... Tudo em mim chorava, todos os meus membros choravam perante o Senhor! Ao mesmo tempo eu me entregava aos exercícos espirituais que vós me tendes

explicado... Coisa admirável: Nada de lábios, mas de qualquer maneira interiormente... depois, de repente eu fui deslumbrado!... Eu tinha os olhos fechados, e contudo eu via uma luz, uma grande, uma imensa luz!...

—É isso! diz o Reitor, inclinando a cabeça.

—E depois senti-me tão bem nesta luz, tão leve... Parecia-me que eu não pesava nada, como o meu corpo... que eu podia voar...

—É isso! É isso!

—E depois eu tornei-me alegre, prazenteiro, feliz... o meu rosto não mexia, os meus lábios não mexiam, e contudo eu ria... e tão francamente... tão cordialmente... tão alegremente...

—Aqui está! É isso! É pela alegria!

—E depois qualquer coisa murmurava em mim como o começo duma melodia...

O Reitor saltou do seu banco, e dum salto foi para o seu discípulo.

—Bem? Bem?

—...E depois eu ouvi que havia um canto que começava em mim!

—Que sentiste tu? O quê? Diz!

—E sentia que todos os meus sentidos estavam fechados, bem fechados, e que havia um canto interior, e como é preciso, absolutamente, sem nenhuma palavra, como isto...

—Como? Como?

—Não, eu não posso. No princípio, eu sabia... E depois o canto tornava-se... o canto..

—O quê? Em que se tornava?

—Uma espécie de música, como se eu tivesse em mim próprio um violino. Ou bem ainda como se Yonah, o músico, estivesse em mim e tocasse cânticos como à mesa do Rabi! E sempre nada de voz, nenhuma voz, nada fora do espiritual!

—Bem-aventurado! Bem-aventurado! Bem-aventurado!

—E agora tudo desapareceu, disse o discípulo com tristeza. Os meus sentidos abriram-se de novo, e eu estou tão fatigado, de tal modo, tão... tão... de tal... modo... fatigado... que eu... Mestre! exclamou de repente levando a mão ao coração, Mestre! Rezaí as últimas orações por mim! Vieram-me buscar! No côro celeste têm necessidade dum pequeno cantor... Um

VIDA COMUNAL

LISBOA

Ano Novo das árvores — A juventude israelita Makabi Stsair no dia 9 de Fevereiro festejou esta data de 15 de Shebat com grande satisfação e alegria das crianças.

Homenagem de Saüdade — Na Associação da Juventude Israelita Hehaber na noite de 10 de Fevereiro realizou-se uma sessão de homenagem à saüdosa memória do Rabi Dr. Nissim Ovadia, do Rabi Segalovitz Rab e do Dr. Alfredo Klee, antigo presidente da Comunidade Israelita de Berlim. Usaram da palavra vários oradores e foi pronunciada a oração fúnebre askabah.

Depois desta sessão foi feita uma conferência pelo Reverendo Mendel Diendruck sob o tema *Influência da Bíblia na História Mundial*.

Purim — Esta festa da Rainha Esther foi celebrada pela Associação da Juventude Israelita Heaber da seguinte forma:

No dia 11 de Março o tradicional baile de Purim.

No dia 19 de Março uma matiné infantil pelo Grupo Juvenil do Hehaber *Makabi Hatsair*.

Bar-Mitsvah — Em Março realizou-se a Bar-Mitsvah (maioridade religiosa) do jovem Samuel Janowski, filho do Sr. Isaac Janowski, um dos fundadores da Comunidade Israelita do Pôrto, actualmente residente em Lisboa.

Ao Sr. Isaac Janowski e sua gentilíssima Espôsa deseja *Ha-Lapid* a tradicional

Besiman Tob — Mazal Tob

anjo de asas brancas! Mestre! Mestre!
Escuta Israel! Escu... cuta... Is ..

*

* *

Tôda a gente, na pequena cidade, desejava morrer duma tal morte. Mas o Reitor achava que era pouco.

— Alguns jejuns mais, gemia êle, e êle seria morto com o *beijo divino*.